

O Peito do Vate Bate Feito a Pororoca ou A Amazônia do

Paulo Nunes

Professor do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA. Mestrando em Teoria Literária na UFPa. Autor de livros de poesias e didáticos.

*Nas horas ermas,
Ele vai convocar almas enfermas
Para missa de todas as saudades...*

A. T.

I

Antônio Tavernard era um moço forte, atleta viril, apaixonado pelo Clube do Remo (ele é autor da letra do hino azulino, o que, de certo modo, fenômeno visto isoladamente, faz dele um dos mais populares poetas paraenses). O rapaz tinha ativa vida intelectual, destaque dado à sua atuação no semanário modernista paraense *A Semana*, e preparava-se para transformar-se em advogado quando se viu acometido pelo mal de Hansen: uma fatalidade, portanto, atravessa o futuro talento. No entanto, o que me mobilizou para este artigo é o fato de que há em sua poética uma fatia geralmente esquecida. Trata-se de sua poesia de tonalidade amazônica. Assim, quando listam-se os poetas de temática amazônica, esquecemos quase sempre, de Tavernard. Eis a provocação inicial deste texto, evidenciar contornos diferentes de uma Amazônia que o poeta esboçou em seus poemas.

Canta(dor) do Rancho Fundo

II

Ao olhar a poesia de Antônio Tavernard – demarcada por mosaicos estilizados – me vem à cabeça a formatação de um texto múltiplo, atordoado, sobretudo, devido a experiência de vida dramática relatada, provocada pelo mal de Hansen, que impôs ao escritor a reclusão ao *Rancho Fundo* - chalé-refúgio edificado no fundo casa da família Tavernard, na Conselheiro Furtado com a Generalíssimo Deodoro, onde hoje, salvo engano, encontra-se um edifício em homenagem ao escritor- nos idos de uma Belém bem mais provinciana que a de hoje.

Embora corra o risco de ser mal interpretado (acusado de defender o biografismo literário), não se pode negar que há poetas que produzem determinados por uma decisiva carga autobiográfica. Como ler, por exemplo, a poesia de Cruz e Sousa sem considerar o fardo do racismo que lhe pesava às costas, deixando-o à margem

da sociedade e à sombra de outros autores brasileiros seus contemporâneos? Com Antônio Tavernard, parece-me, se dá processo semelhante: a dor na carne infesta-lhe a alma, influencia o tom queixoso de parte significativa de seus poemas subjetivos. A marginalidade, o isolamento forçado e a interrupção de sua atividade intelectual, atípicos, ocorre somente devido a doença. Não fora isso, certamente ele continuaria ativo nos meios artístico-cultural e desportivo de Belém. Após a reclusão no Rancho Fundo e consciente de suas limitações, o autor de *Místicos e Bárbaros* enfrenta-se com o deus Chronos, e parte de seus textos - opinião pessoal, embora questionável - não tem tempo suficiente para o amadurecimento devido. De vida breve, Tavernard cria uma obra, a meu ver, irregular, mas de extrema força apelativa. Vale aqui um aviso: eu mergulho nestes poemas

ENTRE O ÉTER E O LODO

Estrelas só, o céu; sapos só, o brejal...
Nunca se viu assim astros tão baixos,
nem nunca se escutou tantos coaxos
na noite tropical...
As trevas são de luto aliviado,
de olhos de cego que começa a ver...
Passa um vento fraquíssimo, gelado,
sopro de alguém que está para morrer...

As noites da Amazônia são profundas,
mais noturnas que as outras! Nelas há
sensações abismais, madres fecundas
de emoções de terror. Quem nelas vá,
procurar a suave poesia
de largos láteos e de rouxinóis
apenas ouvirá essa profonia
- ronquidos de corós,
risadas de urutaus -
que vem de quando efervesciam sois,
que é eco do caos!...

Um mundo em vibração aqui lateja
como feto num ventre colossal,
e uma seara de titãs broteja ...
Geminal!...

A Amazônia,
proteiforme medonha,
é um estúdio de assombros singular!
Nela, sente-se, à noite, DEUS a trabalhar.

E, entre o charco e o céu, há um drama
que não finda.
Um sapo acorda e acha uma estrelinha
linda,
e quer ser luz ou ser, ao menos, asa
para voar, subir, roçar aquela brasa
de alabastro, num beijo de noivado,
e salta, e cai na lama, a coxar... Coitado!...

simbolismo
da ilógica atração
que exerce a imensidão
sobre o abismo!

Imensidão, o amor... Abismo, os
corações...
E o poeta, sentindo a angústia e a dor
dos pegos
sonhando com amplidões,
pede à Razão de Tudo - pra contê-las -
que todos os batráquios fiquem cegos,
ou se apaguem todas as estrelas!...

DENTRO DA SELVA

Vem a anta, pesada, em marcha tarda e brusca.

A cintila do sol suas pupilas ofusca, impedindo-a de ver...

Esbarra, aqui, num tronco, acolá esbarronda um cupim, atola-se em igapós, emaranha-se na rede verde de cipós...

Ela vem como a onda vai pelo oceano afora, às cegas, sem saber se é praia ou arrecife o que tem por diante...

Faminta e atenta, a a espreita sucuri gigante.

A sucuri se enrosca, em novelo de morte, que algum monstro dobrou, no fuso colossal de uma palmeira forte...

Um silvo lhe fugiu... O tapir hesitou, mas, depois de dúvida ligeira, prosseguiu carreira, em rumo da barraca onde fulgura o sol... Vai em busca do bem, não se lembra do mal.

Meio-dia!...

Catadupas douradas por espaços azuis...

Meio-dia!...

Silêncio e solidão de castro e de tapeta...

Meio-dia!...

Glória fulva de luz...

O paquiderme avança, o réptil espera.

Súbito, corta o ar uma laçada escura...

O quadrúpede estanca

e, rápido, procura

desvencilhar-se da peia que começa a apertar-lhe os tendões... Chupa o ar, pateja, arranca e se arremessa...

é um bólico

que vai! A restinga vibreja

de Tony (assim dona Lucíola, minha tia, sua amiga de teatro das pastorinhas, o chamava) desarmado, quase por completo, de teorias. Portanto, os que desejam apreender aqui lições teóricas, saltem estas páginas e desistam imediatamente da leitura deste pequeno artigo.

III

A literatura tavernardiana é relativamente vasta. Embora enquadrada cronologicamente no Modernismo, ela não cabe nos limites de um momento estético somente. Constitui ela, conforme sugeri anteriormente, um mosaico estético. É simbolista quando opta por uma discurso sinestésico; faz-se parnasiana, quando utiliza-se de um tom cerimonioso e uma métrica conservadora; mas alcança pontos altos quando lança mão de um tom queixoso, bem ao gosto do byronismo. E o que há de modernista na poesia de Antônio Tavernard?: a opção, penso, pela poesia de fundo amazônico (o que a aproxima dos modernistas da primeira geração, que escolheram a Amazônia como berço mítico), não muito conhecida, exceto as experiências musicais compartilhadas com o maestro Waldemar Henrique. Desse modo, optei por enveredar nas trilhas verbais de "Dentro da Selva", "Entre o Éter e o Lodo", "A Voz da Amazônia" e "Ecos Selvagens", que me servirão de mostragem, na tentativa de evidenciar a veia amazônica de um poeta que olhou seu chão, primando por um distanciamento crítico, que nos faz identificar, curiosamente, o estranhamento poético e a imageria do grotesco.

IV

Minha leitura inicia-se por "Dentro da Selva". O poeta, neste texto, narra/descreve o confronto de uma anta com uma cobra sucuri. O embate, grosso modo, pode identificar o confronto do bem contra o mal. Cuidado, no entanto, pois o poeta parece não emitir juízo de valores que nos façam penetrar no perigoso campo do maniqueísmo romântico. A luta entre as duas feras é tão somente pela sobrevivência: no mundo animal a cadeia alimentar, naturalmente, faz os fortes predominarem sobre os fracos. Mas para entender isso, não precisamos da literatura, basta lermos os manuais de Biologia. Ao poeta cabe dizer de outra maneira, senão mais lírica, ao menos mais elaborada, utilizando-se de uma linguagem que fuja ao usual, ao corriqueiro. O poema, desse modo, parece tentado a iniciar-se de forma um tanto tradicional, até mesmo o emprego de rimas percebe-

se alternado ao uso do verso branco. Trata-se de uma forma mista de escrever, em que o tradicional convive com o moderno. A própria irregularidade métrica é prova de que se o poeta preza ainda alguns valores da tradição também já demonstra concessões – **Místicos e Bárbaros**, livro onde estão incluídos os quatro poemas estudados, é edição póstuma, de 1953 – a novos valores estéticos. Mas, conforme disse anteriormente, o que me interessa de perto neste ensaio é a visão da Amazônia que os textos exalam. Pois bem, o título deste primeiro poema já sugere que teremos uma mostragem de *dentro* (para fora) *da selva*. Tal visão - antes de constituir-se em um retrato ufanista - instala um estranhamento no gosto do leitor. A Amazônia do poema está mais para o *inferno verde* que para o *eldorado*. E Este estranhamento poético é contornado pelo tom dramático e certas vezes agônico, resultado do combate entre os dois animais, onde sucumbe a anta diante do poder da hiper-serpente, que a entrelaça e a sufoca ferozmente, apesar de toda a resistência do quadrúpede, que tenta safar-se do bote fatal. Trata-se do espetáculo bárbaro e selvagem da “...*Natureza rematando com a morte o embate dos titãs...*”

O curioso é que o poema deixa revelar a habilidade de um poeta que manipula as cenas, dando a impressão de que ele é o diretor de um *set* cinematográfico: tenso, plástico e movimentado. O leitor é o espectador privilegiado deste duelo em que as palavras simulam quadros fotográficos.

V

Outro texto que fixa a imagem de uma região nada paradisíaca é “Entre o Éter e o Lodo”. Curioso é que o perfil de grandiosidade da Amazônia não deixa de existir no poema. Ao contrário, é justamente esta grandiosidade soturna, prenunciadora de desgraças, que chama a atenção do leitor: “*Nunca se viu assim astros tão baixos,/ nem nunca se escutou tantos coaxos/ na noite tropical.../ As trevas são de luto aliviado...*” Na primeira fase do Modernismo, quando a Amazônia ganhou (re)toques mítico-poéticos, sobretudo de Raul Bopp e Mário de Andrade, Tavernard, nosso poeta nativo enfatiza uma visão por vezes fantasmagórica da floresta: “*As noites da Amazônia são profundas,/ mais noturnas que as outras!/ Nelas há sensações abismais, madres fecundas/ de emoções de terror...*” O efeito de estranhamento não raro é conseguido quando a linguagem dá vazão a um vocabulário estranho, cientificista, retomando a poesia anti-poesia já

ao estupro violento... Estalidos, estrépidos,
derrocadas, fracassos, estampidos...
Ruem esgalhos decrépitos,
tombam arbustos partidos...
Avalanche de músculos, soquete
de força viva, cunha fantasmal,
ciclópico ariete
rasgando pelo meio o matagal!...

A serpente, que tinha
a grossura de um braço musculoso,
é agora, quase linha...
Alongou-se,
esticou-se,
afinou-se
num elastério extremo, incrível, milagroso...
Mas não cede, não solta, não liberta.

A anta pára, enfim... Imóvel, por instante...
Vacila, incerta...
Escorrega, ofegante...
E começa a ceder.
Recua devagar, aos sacalhões, recua...
Nova energia, entanto, tumultua...
E avança outra vez,
a correr, a correr...
E assim por quatro, cinco seis
vezes desesperadas... Tudo inútil, porém!
Chia-lhe o peito oprimido, as pernas frouxas,
tremem,
treme a trompa também...
As rodinhas espremem...
As rodinhas espremem...
Um derradeiro esforço, efêmero, falaz...
e lá rola o tapir coberto de espirais...

.....

Em torno, com rudeza,
pigmeias, gugânticas e meãs,
as árvores acurvam sua ramagem
police verso! bárbaro, selvagem
da vesta Natureza
rematando com a morte o embate dos titãs...

produzida anteriormente por Augusto dos Anjos; vejamos alguns exemplos: *vibrião, feto, éter, ventre, germinal*.

A Amazônia, aqui, tem o *status* de matriz, a mãe-terra. No entanto ela não abandona sua *proteiforme* grandiosidade: ora bela e atraente, ora horrenda e *medonha*, o poeta a recria como um “*estúdio de assombros singular!*”, uma terra inconcluída: a *última página do Gênesis, jamais escrita* (conforme Euclides da Cunha). É curioso que Tavernard tenha conseguido neste poema a síntese entre dois escritores pré-modernistas brasileiros, inquietos e insatisfeitos: Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos. E o poeta “*sentindo a angústia e a dor dos pegos/ sonhando com amplidões,/ pede à Razão de tudo – pra contê-las – /que todos os batráquios fiquem cegos, ou se apaguem todas as estrelas!...*” reveladora é a visão do brusco-belo que cega, ao mesmo tempo que confirma a inadequação da obra tavernardiana como aportada em um estilo de época somente.

VI

O poema que agora se apresenta como um brado reivindicatório é “A Voz da Amazônia”. Sem destoar da linha temática e do tom lancinante com o qual a região é mostrada nos textos anteriormente lidos, este, no entanto, difunde-se com um ingrediente formal que salta aos olhos (ou seria aos ouvidos?): a musicalidade. A opção por palavras nasalizadas (*sem/langores/ barrancos/ cingindo/ ancas/ aflando* etc) empresta ao poema um ritmo interessante. Mas o poema não é somente construído a partir da musicalidade. Há, conforme afirmei, uma necessidade de conceder voz a uma região até hoje desprovida - quase que por completo - de representatividade no cenário cultural brasileiro. E eis que este, me parece, o grande trunfo do texto. Esta faceta elabora um discurso denunciador e reivindicatório, em que a voz poética clama por justiça para o elemento indígena. Assim o colonizador europeu, vencedor, não tem aqui a acolhida que o discurso ameríndio merece:

*Solução de Terra Caída caindo...
Suor de taperis perdidos na floresta,
Paraíso infernal onde o céu é uma festa,
Onde a morte é um bem porque a vida é um mal...
Ressôo de gumes ferindo os arbustos [...]
Trocano longínquo do último índio,
Sem caça, sem roça, sem puba, sem taba,
Carpindo a desgraça de ser ameríndio,
escravo vencido do novo ameraba...*

“A Voz da Amazônia” é um poema-música, que

ressoa no leitor em seu estado de deslumbre rítmico. Demonstra - este texto - as habilidades de um poeta atento aos recursos sonoros, poema que confirma a idéia de que a arte pode ser engajada sem necessariamente ser panfletária e empobrecedora, questões de linguagem?

VII

“Ecos Selvagens”, último texto enfocado, é um reboliço de cantorias, um rebumbar de sinestésias insinuantes. Evidentemente afro-amazônico, este texto apresenta intertextualidade com “Batuque”, de Bruno de Menezes, expoente máximo da poesia afro-brasileira de expressão amazônica. Penso que neste poema Tavernard coloca-se como um discípulo da poética bruniana. O constante jogo dos fonemas /b/ e /p/ nos embala nos acordes lancinantes, faceiros, insinuantemente e sedutores. A narrativa musical que exala do texto enfatiza o ritual das rodas de batucada em que os negros brasileiros “vingavam” a dor da escravidão, cultuando seus deuses, e diluindo a mágoa da violenta transplantação para a América portuguesa.

No mais, desculpo-me pela falta de um instrumental teórico mais efetivo para iluminar minha leitura. O que predominou em mim foi a satisfação de reclinar-me sobre um autor que conheci efetivamente em 1983, quando a professora Margarida Paiva começou a divulgá-lo no ensaio **Antônio Tavernard para as Novas Gerações** (Margarida estava adoentada e para não deixar buracos na programação, pediu que Josse lesse seu texto, previamente preparado). Esta experiência valeu pela possibilidade de redescobrir – conforme meu desejo – a literatura tavernardiana de contornos amazônicos. Em bom tempo, a revista **Asas da Palavra** revisita este escritor que não conseguiu ainda a divulgação merecida dentro de sua própria terra. Assim, que o leitor enfronhe-se por este labiríntico caminho, mas que alcance logo, enquanto é tempo, os fios de Ariadne. Bom proveito!

Bibliografia

Antônio Tavernard: Edição Comemorativa do Cinquentenário da morte do Saudoso Escritor conterrâneo. Vol. 1. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986.

CASTRO, Acyr et alii. *Introdução à Literatura no Pará.* Vol. 2. Belém: Cejup, 1990.

Jornal **O Liberal**, matérias várias, organização de Cláudio de La Roque

PAIVA, Margarida. *Antônio Tavernard para as Novas Gerações.* Belém, Academia Paraense de Letras: 1982.